

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E O ENSINO

Danielly Cristina Pereira Vieira¹
Gustavo Henriques Rodrigues²

RESUMO: O presente artigo pretende refletir sobre o ensino de literatura contemporânea na escola. A partir de alguns questionamentos, buscamos discutir algumas concepções de literatura contemporânea, considerando a ideia de contemporaneidade para Agambem (2009), de prosa contemporânea (SCHØLLHAMMER, 2011) e de poesia contemporânea (ANDRADE, 2010). Em relação às discussões sobre a importância do ensino de literatura contemporânea, recorreremos a Perrone-Moisés (2000), Zilberman (1988), Geraldi (2010) e Pinheiro (2007). Também realizamos entrevistas com professores, com a finalidade de entrever se há uma prática de ensino de literatura contemporânea nas escolas. E, se caso, tal hipótese seja comprovada, qual literatura contemporânea, como é abordada e qual a sua relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea; Ensino de literatura; Professores.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la enseñanza de la literatura contemporánea en la escuela. Basando-se en algunas preguntas, se discuten algunos conceptos de la literatura contemporánea, teniendo en cuenta la idea de contemporaneidad a Agambem (2009), la prosa contemporánea (Schollhammer, 2011) y de la poesía contemporánea (ANDRADE, 2010). En cuanto a los debates sobre la importancia de la enseñanza de la literatura contemporánea, se recurre a Perrone-Moisés (2000), Zilberman (1988), Geraldi (2010) y Pinheiro (2007). También se realizaron entrevistas con algunos profesores, intentando vislumbrar si hay una práctica de la enseñanza de la literatura contemporánea en la escuela y, si lo considera esta hipótesis, cual literatura contemporánea, como es su abordaje y cuál es su importancia.

PALABRAS-CLAVE: Literatura Contemporánea; Enseñanza de la literatura; Profesores.

¹ Estudante do 7º período de graduação em Licenciatura em Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² Formado em Letras pela UFRPE.

1. Introdução

Este artigo surge como resultado final dos estudos iniciados na disciplina de Prática Pedagógica das Literaturas em Língua Portuguesa³, no âmbito da graduação em Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ele parte da preocupação de articular ao ensino de literatura à produção literária do presente na escola (níveis médio e fundamental), tendo em vista que na academia seu estudo já vem sendo realizado. Para isso, abordaremos alguns conceitos que partem de alguns questionamentos por nós realizados, são eles: o que é a literatura contemporânea? Por que ensinar literatura contemporânea na escola? Como a literatura tem sido e é vista pelos professores?

Na busca de responder tais indagações, dissertaremos, no primeiro tópico, sobre a dificuldade acerca da definição de “literatura contemporânea” e, buscaremos refletir sobre ele através de diferentes ideias e conceitos apresentados, tais como, os do filósofo Giorgio Agambem (2009) e também dos estudiosos da literatura contemporânea brasileira Schøllhamer (2011) e Andrade (2010). O segundo tópico será dedicado a questionamentos e também a uma defesa da importância do ensino de literatura contemporânea. A partir da constatação de que há uma escassez de trabalhos sobre esse tema, salientamos que tivemos dificuldade em encontrar materiais concernentes à discussão restrita sobre essa temática: da literatura contemporânea e o ensino. Dessa forma, apresentaremos algumas ideias acerca da relevância do ensino em literatura em geral através das reflexões de, entre outros, Perrone-Moisés (2000), Zilberman (1988), Geraldi (2010) e Pinheiro (2007).

Nosso terceiro e último tópico é reservado a relatos de professores, nos quais buscamos analisar as concepções de literatura contemporânea, as posições desses profissionais em relação à importância dessa produção literária, bem como relatos de experiência, caso exista um trabalho na sala de aula com essas manifestações artísticas do presente, apresentando suas propostas e opções metodológicas. Esses são alguns dos questionamentos que esse trabalho propõe fazer e discutir. Garantimos não respostas, mas reflexões acerca do tratamento da literatura contemporânea em sala de aula para que essa parcela da nossa cultura não seja deixada à margem de si mesma.

2. O que é literatura contemporânea?

Sabemos desde já a dificuldade de definir a literatura contemporânea, pois toda definição é problemática, gerando exclusões e falhas. Entretanto, é necessário entender o que está envolvido neste termo. Como um professor escolhe um texto da literatura contemporânea, se ele não sabe o que significa ser um escritor contemporâneo? Seria apenas um critério cronológico, envolvendo, desse modo, apenas textos atuais? Não

sabemos se conseguiremos responder satisfatoriamente tais questões, mas é essencial fazê-las para que possamos melhor lidar com a produção literária do presente.

Certamente, a dificuldade de formar um conceito sobre literatura contemporânea advém do problema de não se compreender o que se designa como contemporâneo. No ensaio do filósofo italiano Giorgio Agambem, *O que é o contemporâneo* (2009), dividido em sete tópicos, podemos encontrar alguns sinais que constituiriam a essência da contemporaneidade.

Partindo das *Considerações intempestivas* de Nietzsche, para quem o contemporâneo é o intempestivo, o filósofo italiano afirmará que se situa no contemporâneo aquele que mantém uma relação de deslocamento com o seu tempo. Por se situar nesta zona entre deslocamento e imersão neste tempo, o ser contemporâneo consegue perceber e, por isso, apreender tal tempo. Contudo, esse distanciamento não significa uma volta nostálgica a um passado. É, antes de tudo, um compromisso com o seu próprio tempo, não havendo espaço para fuga. Quem não consegue se afastar do seu tempo e mirá-lo de longe, mesmo estando impregnado dele, não pode ser contemporâneo. O estudioso italiano amplia essa concepção quando afirma que o “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEM, 2009, p. 6). O escuro, não sendo algo mais que produto de nossa visão, deve ser buscado pelo poeta (por extensão, do artista). Isso não representaria uma forma de passividade diante do momento presente. É, ao invés disso, uma maneira de atenuar o excesso de luz, que ofusca uma visão mais clara sobre o presente. Com isso, o pensador italiano propõe um espírito menos entusiasta e um olhar mais desconfiado, quicá cético, em relação à época atual.

Mas ser contemporâneo é também enxergar uma luz no meio dessas trevas. Agambem compara o contemporâneo com a luz de outras galáxias, que nunca conseguimos ver, pois elas se movem numa velocidade incomensurável, por isso o que vemos dessas galáxias são os espaços escuros. Conseguir ver a luz nessa escuridão configura uma qualidade do ser contemporâneo, do poeta contemporâneo.

Compreenda bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é, também, um “muito tarde”, de um “já” que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós. (AGAMBEM, 2009, p. 65-66)

O contemporâneo é algo que está sempre em processo de plenificação, mas que nunca se torna pleno. Quando enunciarmos que alguma coisa é contemporânea, ao fim do enunciado, essa coisa já está ultrapassada. Todavia, nessa relação com o “muito cedo” e o “muito tarde”, deixa-se entrever também uma relação com outros tempos: passado e talvez futuro. Desse modo, Agambem (p.69) nos dirá que: “De fato, a contemporaneidade

se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo”. Assim, o arcaico, tido como a origem para o filósofo italiano, participa do contemporâneo, pois como um embrião, se desenvolve, cresce, tornando-se criança e adulto, mas mantendo a mesma essência embrionária.

Esse pensamento de Agambem é muito pertinente, sobretudo, se pensarmos em termos literários. Lembremos que Gregório de Matos, poeta do século XVI, fez parte do paideuma concretista na década de cinquenta do século XX. A obra de Gregório de Matos foi atualizada por aquele momento presente, dando novas respostas para os seus leitores, diferentemente daquelas de quem o lia no século XVI. Também o concretismo é atualizado na literatura contemporânea, haja vista a obra de Ricardo Aleixo e Arnaldo Antunes, os quais recorrem a alguns procedimentos da poesia concreta para compor seus poemas.

É nesse sentido que se pode dizer que a via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é incessantemente relançado para origem, sem jamais poder alcançá-la [...] A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos. (AGAMBEM, 2009, p. 70)

Essa confluência entre passado e presente define bem o contemporâneo. Buscar o “não-vivido” representa essa impossibilidade de lidar com o presente de forma direta. O atual é sempre intempestivo. É, por assim dizer, escorregadio. Por isso, a reatualização, a menção ao passado, pois nele o homem pode buscar respostas para lidar melhor com seu tempo.

Em virtude do que discutimos sobre o contemporâneo, podemos afirmar que temos, de certo modo, uma noção sobre os aspectos definidores da contemporaneidade. Porém, devemos retomar a questão inicial, isto é, o que é literatura contemporânea? Para isso, passamos para algumas discussões de alguns estudiosos da literatura contemporânea brasileira.

O estudioso da prosa contemporânea Schøllhamer (2011), que no prefácio do seu livro *Ficção brasileira contemporânea* discute alguns traços da literatura contemporânea, aproxima-se das ideias de Agambem. Ele vai afirmar que:

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por inadequação, uma estranheza

histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. (SCHØLLHAMER, *op.cit*, p. 09 -10)

Literatura contemporânea não seria assim um espelho do mundo atual, mas uma espécie de olhar sob o obscuro da realidade atual, ou melhor, realidades. Há a necessidade de lidar com o presente, mas a dificuldade de capturá-lo leva a um distanciamento.

Vimos que as discussões de Schøllhamer enveredam pelo estudo da prosa, não contemplando a produção poética contemporânea. Embora seja possível pensar tais discussões em termos de poesia, precisamos trazer também alguns pontos discutidos pelos estudiosos da poesia. Andrade (2010, p. 45-46), que antes de proceder a seu estudo sobre a poesia brasileira da atualidade, afirma a dificuldade de estabelecer pontos orientadores sobre tal produção. Ele dirá que:

Definir [...] as diretrizes de poesia brasileira em termos pós-modernos é difícil e mesmo perigoso. Primeiro porque o próprio conceito de pósmodernidade é um campo teórico minado, as perspectivas são várias e abraçar uma delas significa oferecer um quadro específico – a posição escolhida para descrever determina o resultado final e define muito do objeto; e segundo porque a poesia age sobre o presente de outra maneira, diferente do teorismo acadêmico.

Notamos que a ideia de contemporaneidade ou de pós-modernidade é bastante complexa para definir a literatura, sobretudo, a poesia, que se liga a todos os tempos e a tempo nenhum. Não seria toda poesia contemporânea? Andrade evoca, nesse sentido, Octavio Paz para mencionar a ideia da poesia ligada ao ancestral. Isto significa que a poesia do presente está ligada a uma poesia de uma geração anterior, que, por sua vez, está vinculada a uma tradição anterior. E assim por diante.

Buscamos aqui trazer algumas discussões de forma breve acerca de alguns conceitos sobre a literatura contemporânea. Nessa discussão, fica claro um ponto norteador para o nosso trabalho: essa imprecisão na definição da literatura contemporânea seja na prosa ou na poesia. Tendo em vista isso, vale questionar: qual a importância de trabalhar com essa produção contemporânea na escola?

3. Por que ensinar literatura contemporânea na escola?

Neste item, discutiremos a necessidade de um ensino de literatura contemporânea brasileira na escola, especificamente no ensino médio. Vale ressaltar a escassez de trabalhos que tendem a refletir sobre tais questões. Em relação ao ensino de literatura,

encontramos algumas reflexões. Entretanto, no tocante ao ensino de literatura contemporânea, não nos deparamos ainda com estudos voltados para essas questões.

Quanto ao ensino de literatura, no ensaio “Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura”, Leyla Perrone-Moisés fala de uma crise no ensino de literatura. Tal crise, na visão da ensaísta, decorre de um colapso na literatura. A arte literária, a partir do fim do século XIX, concorreu para um procedimento estético “autoglorificador e suicida”, isto é, a arte passa a questionar as bases nas quais ela se firma na sociedade. A literatura passa a voltar-se contra os valores da sociedade na qual ela é constituída. Perrone-Moisés (2000, p. 346) afirma que:

O ensino, como instituição, tem por objetivo manter os fundamentos da sociedade, e não questioná-los de maneira profunda. Assim sendo, o ensino de uma literatura que punha em xeque seus próprios fundamentos como prática social, e, indiretamente, as práticas sociais em seu conjunto, começou a apresentar-se como problemático. As produções das vanguardas do início do século, por seu aspecto demolidor e anárquico, agravaram o divórcio entre a prática da literatura e seu ensino.

Se a literatura de vanguarda não cabia bem aos interesses escolares, o ensino de literatura, ainda assim, não deixou de ser realizado. Perrone-Moisés vai dizer ainda que a literatura, calcada nos modelos neoclássicos, era a literatura ensinada nas escolas. Esqueciam-se da literatura produzida naquele momento, pois as obras da atualidade, chamado pela autora de “literatura da alta modernidade”, propunham uma transformação dos modelos vigentes.

Outro ponto interessante destacar do ensaio já referido é a desvalorização da literatura na segunda metade do século XX. Ela dirá que: “Os gestos revolucionários das vanguardas já haviam sido assimilados e neutralizados pela sociedade, o ‘novo’ tornou-se repetitivo” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 347). Nesse interim, o avanço das tecnologias de comunicação e informação promoveu mudanças significativas no gosto do público. O próprio ensino passa a desprestigiar os textos literários para valorizar os textos da indústria cultural.

Diante desse quadro, outra questão que nos cerca é se o ensino de literatura contemporânea atende aos interesses da escola. Zilberman (1988) faz uma análise dessa relação da leitura, por extensão da literatura, e a escola. A leitura torna-se um objeto de valor social, cultural, econômico e político no século 18. Essa valorização parte da propagação cultural através da leitura e da escrita, a partir do desenvolvimento da imprensa. As formas de divulgação cultural antes da imprensa eram formas essencialmente orais. É a chegada da imprensa que possibilita a “expansão de acesso do saber” (*idem, ibidem*, p. 12).

Zilberman (1988, p. 13) fala de uma “leituromania”, ou seja, a possibilidade de divulgação da escrita por meio dos mecanismos de reprodução impressa, a qual gerou

uma popularização da leitura, a ponto de surgir uma literatura “pragmática e objetiva: aquela que se destinasse às obras úteis, de caráter informativo ou evangélico, que conduzissem à meditação ou à aprendizagem, impedindo o escapismo e a fantasia”, para controlar, de certa forma, os riscos da leitura, apontados pelos pedagogos da época.

É, neste ponto, que a autora traz uma questão muito importante para o presente trabalho. A leitura passa a constituir um elemento essencial na concepção do pensamento iluminista, como instrumento de libertação por parte da classe burguesa, contra a aristocracia dominante. Surge uma maneira contraditória de enxergar a relação entre leitura e a escola: ela passa a ser elemento de emancipação e, ao mesmo tempo, de utilitarismo. Para libertar os burgueses da opressão da aristocracia, ela é libertária, mas é utilitarista, no sentido de manter a classe operária sob o jugo da classe burguesa – porque se sabe do poder da leitura e do acesso ao saber como instrumentos de transformação social. Assim, Zilberman coloca o problema de uma escola como um aparelho capaz de manter a ordem preestabelecida, que utilize a leitura para esse fim. Mas, não deixa de considerar a escola como um espaço de transformação social. Tudo isso depende da política educacional em foco.

Nesse sentido, mantemos ainda a questão se o ensino de literatura contemporânea interessa a escola. Se pensarmos na escola, voltada para manter os ideários de uma classe dominante, a literatura, contemporânea ou de qualquer outra época, não interessa ao ensino.

Neste mesmo ensaio, Zilberman discute a importância da escola na formação do leitor de literatura. Colocando a leitura como uma relação entre os indivíduos e o mundo a qual se estabelece por meio da linguagem, a estudiosa enfatiza a leitura da literatura como um processo não mecânico, mas essencialmente ativo. Os indivíduos buscam sempre compreender o mundo, caótico e sem ordenação, construindo para isso uma leitura do mundo, a fim de impor uma organização sob essa realidade multifacetada. A leitura surge, nesse sentido, como um meio de compreensão e sistematização do caos da realidade. Ela é intermediadora entre o real e os indivíduos, usando para isso a linguagem.

Para nossas reflexões, é crucial trazer a ideia de Zilberman do texto literário como uma mimetização do real, que não simplifica o contato dos sujeitos com o mundo dos objetos, mas que enriquece essa experiência. Nesse sentido, ela afirma que:

Em virtude disto, se o ato de ler se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, como o exercício hermenêutico de interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita, a obra de ficção avulta como o modelo por excelência de leitura. Pois, sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. (ZILBERMAN, 1988, p. 19).

É essa proposta de leitura que a escola deve promover. Possibilitar um contato com a leitura, que não reprima a imaginação e a fantasia, e ao mesmo tempo, desenvolva o espírito crítico, pois impõe ao aluno a necessidade de participação, de ser ativo nesse processo de construção de sentidos.

Essa perspectiva sob a leitura literária também perpassa pelo olhar de quem não tem a literatura como objeto primordial do seu estudo. É o caso do linguista João Wanderley Geraldi (2010), que, através de duas produções textuais escolares, mostra que um aluno das séries iniciais, demonstra mais originalidade na escrita do que um aluno do último ano do ensino médio. Questionando sobre “o que acontece no processo escolar que torna autores do início da escolarização repetidores de leituras mal digeridas no final da escolarização?”, Geraldi aponta que a necessidade de criar na escola a proximidade com o mundo do cotidiano, levou a uma diversidade de gêneros textuais a serem trabalhados na escola, deixando o texto literário cada vez mais esquecido. O linguista defenderá a presença dos textos literários na sala de aula, afirmando que “[...] uma questão que poderia ser posta diz respeito ao convívio com o gênero literário como caminho necessário a ser percorrido se se pretende desenvolver capacidade de expressão, mesmo quando o autor é chamado/convocado a produzir um texto argumentativo” (*op. cit.*, p. 66).

Dentre os textos literários, a poesia foi o gênero que mais perdeu espaço na sala de aula. Não apenas Geraldi, como também Pinheiro (2007) apontam essa marginalização da poesia no ensino. E ambos defendem o trabalho com o texto poético na escola. Geraldi reforça a importância da leitura do texto poético na sala de aula como forma de desenvolver a originalidade dos alunos. Pinheiro defende a leitura de poesia como forma de descobrir prazer na “comunicação de alguma nova experiência; ou uma nova compreensão do familiar, ou a experimentação de algo que experimentamos e para o que não temos palavras” (ELIOT *apud* PINHEIRO, 2007, p. 22).

Diante disso, podemos assomar que a literatura contemporânea potencializa a riqueza do contato do leitor com o real, apontado por Zilberman (1988). Se a visão do momento presente é obscura, a literatura que busca mimetizar esse presente obscurece muito mais essa relação com o mundo, como vimos em Agambem (2009). Assim, o leitor diante da literatura contemporânea tem um desafio muito maior, uma necessidade de participação muito mais ativa do que para a leitura de qualquer outro texto.

Além disso, se a poesia é fundamental para auxiliar os discentes na construção de um discurso original, autoral, a poesia contemporânea eleva essa possibilidade a um nível muito mais alto. A própria diversidade dessa poesia, já apontada pelo estudo de Andrade (2010), atesta a riqueza dessa produção poética atual, aberta a diversas formas de sistematização. E, muito mais, o alto grau de hermetismo só reforça a ideia do texto literário “como enigma para o sujeito que o invoca: o leitor” (ZILBERMAN, 1988, p. 18). Desse modo, no item seguinte, abrimos um espaço para trazer as visões de alguns professores acerca dessa produção literária contemporânea e de como ela tem sido abordada em sala de aula por esses profissionais, caso exista um trabalho nesse sentido.

4. Análise dos resultados: como a literatura contemporânea é vista pelos professores?

Com o fim de vislumbrar essa presença da literatura contemporânea na escola, realizamos entrevistas com sete professores de literatura de diferentes formações, idades e escolas atuantes, para refletirmos sobre as suas visões acerca da literatura contemporânea, tanto para si quanto para a escola e em suas aulas. Apresentamos a seguir nossas discussões dos resultados baseados no tratamento das respostas adquiridas.

Os entrevistados serão identificados através de numeração – 1 à 7 – sendo tratados no corpo do trabalho como Enº (entrevistado x). A título de informação para melhor compreensão acerca das respostas de cada entrevistado, segue algumas informações a respeito deles: E1 possui 23 anos, possui formação em Letras e Pedagogia e atua em escola particular; E2 possui 24 anos, está cursando Licenciatura em Letras e atua na rede privada; E3 possui 26 anos, é formada em Letras e atua na rede pública de ensino; E4 possui 31 anos, cursando graduação em Licenciatura em Letras e atua em escola particular; E5 possui 32 anos, encontra-se iniciando o doutorado com graduação em Licenciatura e Bacharelado em Letras e Mestrado em Linguística, atuando na rede pública; E6 possui 34 anos, é formada em Licenciatura em Letras com pós-graduação em Letras e atua em escola pública; por fim, E7 possui 47 anos, licenciada em Letras e atuação na rede pública.

É importante atentar a esses dados, pois se percebe através das respostas a influência direta das características de formação. Por exemplo, a maioria dos entrevistados mais jovens possui em suas respostas um reflexo direto da provável formação acadêmica mais atual, preocupando-se mais fortemente com o trabalho sobre a literatura contemporânea. Também se nota o destaque das respostas do E5, provável reflexo de sua formação continuada e das respostas do E7 por ser destoante das outras respostas, consequência, talvez, da sua formação mais antiga e, aparentemente, sem continuidade.

Dessa forma, este item se divide em quatro subitem, cada um deles correspondendo às perguntas lançadas aos professores. Questionamos sobre a concepção de literatura contemporânea, as respostas geraram a nossa discussão do primeiro subitem. O segundo subitem trata da importância dessa literatura contemporânea na visão dos professores, correspondendo assim à segunda questão da nossa entrevista. O terceiro visa discutir quais obras da literatura contemporânea são (ou seriam) lidas em sala de aula, equivalente a terceira pergunta. O último subitem é dedicado às estratégias utilizadas pelos professores nesse processo de ensino de literatura contemporânea.

Ressaltamos que, devido ao curto espaço do trabalho, não podemos transcrever as falas completas dos nossos entrevistados. Realizamos, assim, uma seleção de pontos relevantes para serem discutidos, possibilitando um panorama do que pensam nossos entrevistados.

4.1. O conceito

Ainda hoje estudiosos buscam uma definição para Literatura, essa expressão escrita humana que se encontra em constante mudança e movimentação. Existem, dessa forma, diversos conceitos que se completam mutuamente ou que possuem objetos diferentes de definição. É natural, então, uma dificuldade para definir Literatura Contemporânea por, diferentemente das outras estéticas literárias que já possuem um corpus e uma caracterização definida, ela se encontra ainda em construção, sendo vivenciada e produzida enquanto tentamos estudá-la e defini-la.

Percebe-se através da análise das respostas uma dificuldade generalizada em definir e transpor para um conceito o que seria a literatura contemporânea. Todos os entrevistados constroem suas definições pautando-se, principalmente, em determinações histórico-temporais, ou seja, buscam datar um período que constituiria o pertencente à literatura contemporânea e/ou adjetivam o conceito com expressões historicizadas como “moderno”.

Entretanto, apesar dessa aparente homogeneidade, observamos que não há um consenso nessa datação. Enquanto o E1 e E2 afirmam que literatura contemporânea é a produção das “últimas décadas”, o E3 a data como o que “vem sendo produzido dos anos 90 até hoje” enquanto que, em outro extremo, o E6 afirma ser a “produção que geralmente compreende o período da geração de 45 até os nossos dias atuais”.

Alguns entrevistados concluem sua conceituação com essa periodização, no entanto, outros vão além, buscando agregar exemplos de tipo de produções que constituem a literatura contemporânea. O E1 acredita que a principal característica dessa literatura é a heterogeneidade, sendo ela constituída por “vozes marginalizadas, novos recursos e linguagem”. E4, por sua vez, caracteriza-a como possuidora de “inovação na forma, a multiplicidade, o ecletismo, a crítica social, a presença popular (pop), influências da vanguarda, etc”. É pertinente observar que algumas dessas caracterizações poderiam ser facilmente associadas a outros períodos literários: o Romantismo com a inversão da predominância do poema para o romance nos trouxe inovação na forma; o Realismo fez uma crítica social de seu tempo, etc. O E5, entretanto, apresentou novas informações mais bem detalhadas, salientando a relevância do advento da internet na pluralização dos discursos, dando “o direito à expressão' a todos” e apresentando a “criação de novos gêneros; transgressão das convenções da linguagem; acentuação da intertextualidade, da interdiscursividade e da intersemiose; metalinguagem e hermetismo”.

4.2. A importância

No segundo item desse trabalho, apresentamos teoricamente alguns motivos que constituem a necessidade do ensino da literatura contemporânea. Esse tópico, no entanto,

apresenta a opinião prática dos profissionais na área que responderam qual a importância que eles acreditavam ser atribuída a literatura contemporânea na escola e por eles mesmos.

Os E1, E2, E3, E4 e E6 salientaram o tratamento negligenciado da literatura contemporânea – alguns, inclusive, da Literatura no geral – nas escolas. Esse fato foi apresentado como consequência, principalmente, do foco da escola em seguir o currículo e em privilegiar os conteúdos constituintes dos exames de ingresso ao nível superior. Esse trabalho resultaria, frequentemente, em pouco tempo e espaço para o ensino da literatura contemporânea quando esse ensino se fazia possível.

É preciso destacar a resposta do E5 que levanta um aspecto diferenciado. Enquanto que os outros entrevistados discursam com a aparente crença de que o ensino de literatura contemporânea deveria ser realizado ao final do ensino, sendo posterior ao Modernismo e as vanguardas, o E5 especifica que, na escola, o tratamento da literatura contemporânea se dá nas classes mais baixas, nomeadamente no Fundamental II, pois, segundo ele, “acredita-se que o contato com obras e escritores ainda vivos o aproxima mais do universo da leitura e se torna um convite à viagem pelo mundo dos livros”. Ele, entretanto, ressalta que essa concepção é muito limitada e afirma que a escola “acaba rendendo-se às pressões mercadológicas editoriais, e a qualidade dos textos (...) fica em segundo plano.” No seu ponto de vista, a literatura contemporânea estaria sendo tratada “com total indiferença, como se tudo findasse em meados dos anos 70”.

Em contrapartida, apesar do consenso acerca do descaso da escola sobre a literatura contemporânea todos os entrevistados realçaram a grande importância do seu estudo na escola, levantando cada um deles diferentes motivos como, por exemplo, o possível laço formado entre aluno e escritor devido à proximidade temporal da produção que levaria a uma maior identificação e interesse pela leitura da obra contemporânea para, a partir daí, fomentar o interesse pela leitura literária geral.

O E7, diferentemente dos outros, apresentou uma resposta vaga e genérica – tal como todas as suas outras respostas – que poderiam ser enquadradas em várias situações sobre diversos assuntos e áreas do saber.

4.3. O ensino

Quando indagados sobre o ensino da literatura contemporânea, todos os entrevistados afirmaram trabalhar a literatura contemporânea, no entanto, com diversas especificidades. O E1 afirmou que sim, sublinhando a busca por textos de Marcelino Freire, Daniel Galera e Gilvan Lemos – nomes já relativamente consolidados na literatura contemporânea.

E2 também busca nomes já consagrados – Lygia F. Telles, Osman Lins e Moacyr Scliar, além de alguns mais antigos como os irmãos Campos – no entanto afirma ensinar

alguns ramos da literatura contemporânea não se firmando em nomes particulares – o Poema-Processo, Poesia Marginal, por exemplo.

O E3 e o E5, por sua vez, não separam um tempo específico para o ensino determinado de literatura contemporânea, mas seguem o trabalho de forma parecida. Ambos buscam atrelar a literatura contemporânea aos outros assuntos trabalhados em aula como forma de fazer correlações e de propiciar esse conhecimento aos alunos.

O E4 frisa novamente o problema dos vestibulares que tolhe o tempo e espaço para alguns assuntos, mas afirma que as exigências vêm se alterando, o que possibilita o seu trabalho com alguns nomes importantes – Ferreira Gullar, Decio Pignatari, os irmãos Campos que faz parte do programa do vestibular da UPE, além de Mario Quintana, Paulo Leminski, Adélia Prado, Raimundo Carrero, Nelson Rodrigues e Ariano Suassuna. Todos os autores citados por E4, entretanto, já se encontram no mínimo no caminho para sua transformação em futuros clássicos, existindo, dessa forma, nomes muito mais atuais que continuam sendo afastados do ambiente escolar.

O E6 apresenta um novo fator. Ele afirma só trabalhar nas turmas de terceiro ano, ao fim de todo o processo de ensino ditado pelo Governo do Estado, mas que só trabalha alguns “contos, crônicas e poesias” e, não o romance, por falta de tempo e de, “interesse” por parte da maioria dos alunos, o que dificultaria o trabalho já difícil. O E7 afirmou apenas que tentava fazer o trabalho, completando sua resposta com uma frase genérica.

4.4. A metodologia

Buscou-se nesse ponto tentar observar se o já constatado pouco trabalho com a literatura contemporânea se dá de uma forma realmente didática ou frágil e deturpada com o uso do texto como pretexto, por exemplo.

O E1 e o E3 afirmaram que utilizam o texto (“conto, poema ou romance) como um fator para discussão de alguma temática ou conteúdo, dessa forma, ela corre um grande risco de utilizar o texto apenas como pretexto. No entanto, o E1 também salientou o tratamento da linguagem literária do texto, a “maneira como está sendo dito”, o que, nesse ponto específico, pode ser que seja trabalhada a literatura contemporânea, seus autores e características. O E3, entretanto, vai mais além, propondo “leituras individuais, leituras coletivas, interpretação de texto, adaptação e montagem de teatros, vídeos ou mesmo fotonovelas” e fazendo comparações entre textos de diferentes períodos literários com os contemporâneos.

O E2, por sua vez, afirmou que o fato de que o ensino de Literatura no geral não ser prioritário na escola em que atua acaba sendo um fator positivo para o seu trabalho. De certa forma, livre de exigências, ele se sente livre para trabalhar as mais diversas formas metodológicas, usando, principalmente, de debates e leituras em grupo para esse trabalho.

O E4 apresenta um novo fator. Ele afirma que a literatura contemporânea possui características que são facilmente relacionadas à juventude (público escolar), dessa forma, uma de suas estratégias é estreitar esse laço através do ensino conjunto com outras formas artísticas, tais como a música e o cinema.

Sendo o entrevistado que mais observou pontos nessa questão, o E5 afirmou que propõe primeiramente leituras e escutas dos textos e que, posteriormente parte para o interpretativo, para o “reconhecimento dos traços discursivos/estilísticos próprios do texto ou gênero em estudo”. Ele também busca, através da indução, se aproximar da “caracterização das tendências estéticas contemporâneas, marcadas pelo hibridismo de gêneros, pelo experimentalismo, pela transgressão e, em alguns casos, pela hermeticidade”. Enfatiza a importância da mídia que resulta em novos gêneros (microconto e videopoema) e na literatura de consumo. Além disso, diz que já se utilizou de participação em festivais como estratégia didática.

O E6, nessa questão, acaba respondendo o que não respondeu na questão anterior quando solicitamos alguns exemplos de autores contemporâneos com os quais os professores trabalham, deixando claro, então, o seu não conhecimento acerca de literatura contemporânea, pois cita Luís Fernando Veríssimo e Clarice Lispector. Ele afirma que faz a seleção dos textos trabalhados de acordo com a temática que ele achar que os alunos possuem mais interesse, promovendo a leitura deles através de retroprojeter e cópias impressas, além de solicitar o preparo de seminários sobre autores e obras.

Por fim, o E7 afirma utilizar de projetores, cópias, exercícios, pen drive para exposição de conteúdos, explicação de conceitos, incentivo à pesquisa sobre os temas no seu contexto, deixando claro, dessa forma, uma fuga a questão proposta.

5. Considerações finais

Buscamos, com este trabalho, refletir sobre o ensino de literatura, seu conceito, sua importância para o ensino, bem como a *práxis* na sala de aula, utilizando para isso alguns relatos de professores. Partindo de uma visão teórica da literatura contemporânea, discutimos sobre a dificuldade de constituir um conceito para tal manifestação literária. Vimos, nesse sentido, a discussão sobre o contemporâneo como forma de anacronismo, capaz de propiciar uma distância para melhor compreender o presente.

Na perspectiva dos professores, há uma diversidade de concepções sobre o que vem a ser a literatura contemporânea. Notamos uma menção a um período temporal, que não coincidem para todos os entrevistados, mas engloba, na maioria das respostas, o momento presente. Percebemos que falta também uma aproximação com as discussões propostas pelos estudiosos dessa produção literária presente. Há que se destacar um caso de um entrevistado que demonstra conhecer alguns aspectos da literatura contemporânea.

Também buscamos demonstrar a importância desse trabalho na escola. Como foi verificado, apesar de já existirem trabalhos teóricos – mesmo que escassos – que tratam da importância do ensino de literatura contemporânea na escola, percebemos que esse ensino ainda é bastante negligenciado, mas que, devido a essa escassez, podemos considerar positivo o exercício realizado que, mesmo deficitário, é um primeiro passo.

Constatamos também que, em relação à importância de levar ao ensino às obras contemporâneas, todos os entrevistados, consensualmente, acham relevante. Certamente, isso não indica um menosprezo ao que se faz de literatura no presente. Talvez haja um desconhecimento dessa produção por parte de alguns desses professores. Nesse sentido, vale destacar um trecho da fala do E5:

A literatura contemporânea é de suma importância para o aluno entender inclusive o porquê do estudo das estéticas literárias anteriores, a fim de verificar seu legado artístico-cultural na produção hodierna. Também é um direito do aluno conhecer a literatura que condiz com seu mundo.

Pode-se perceber, portanto, que a realidade vem desenhando novos contornos nos quais, aos poucos, a literatura contemporânea está se inserindo nas escolas e, em alguns casos, nos processos seletivos de nível superior.

Por ora, as nossas reflexões, sobre o ensino de literatura contemporânea, se encerram, mas não devemos deixar de enfatizar o pensamento de Perrone-Moisés sobre a importância de ensinar não a literatura, mas a leitura literária. Evocando Antonio Candido, ela dirá: “[...] a literatura deve ser ensinada porque atua como organizadora da mente e refinadora da sensibilidade, como oferta de valores num mundo onde eles se apresentam flutuantes” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 351).

6. Referências

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANDRADE, Fábio. **A transparência impossível: hermetismo e poesia brasileira**. Recife: Bagaço, 2010.

GERALDI, João Wanderley. Sobre os objetos de ensino em língua materna. In: **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino de literatura. In: **Inútil poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed. Campina Grande, PB: Bagagem, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. ZILBERMAN, Regina (Org.). 9.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.